

O IRROMPIMENTO DA MULTIVALÊNCIA EM A INVENÇÃO DOS SUBÚRBIOS, DE DANIEL FRANCOY

THE MULTIVALENCE IRRUPTION ON A INVENÇÃO DOS SUBÚRBIOS, BY DANIEL FRANCOY

Pedro Barbosa Rudge FURTADO¹

FRANCOY, Daniel. *A invenção dos subúrbios*. Edições Jaboticaba: São Paulo, 2018.

Há diversos termos valorativos no embate entre o pensamento clássico e o moderno sobre a literatura, confrontados por Antoine Compagnon (2010) no seu seminal *O demônio da teoria*. Destacam-se dois índices de apreciação da obra literária que norteiam o nosso texto acerca d'*A invenção dos subúrbios*, de Daniel Francoy. O primeiro deles, e o mais relevante para nós, é a multivalência, entendida aqui como o número de camadas interpretativas que o romance oferece; o segundo é a desmoralizada originalidade, vista como pequenas fissuras formais que expandem o eixo semântico da obra.

O projeto estético d'*A invenção dos subúrbios*, extremamente bem cuidado pela Edições Jaboticaba, ocupa importante espaço como motor para a entrada na narrativa. A capa é composta por meio de tons de cor esmaecidos, apresentando, no primeiro plano, um carro nos moldes dos anos 70, 80. Como numa fotografia envelhecida, esse primeiro contato com o livro já figura um tempo anterior ao nosso. A capa antecipa aquela que será, talvez, a principal tensão do romance: o desajuste provocado, incessantemente, pelas variações temporais que o espaço da Ribeirão Preto do narrador-protagonista enceta.

Personagem, aliás, que faz uso do diário a fim de relatar as observações do cotidiano. Formalmente, o livro de Francoy está filiado aos romances-diário da nossa literatura, como *Memorial de Aires*, de Machado de Assis, *O amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos, *Armadilha para Lamartine*, de Carlos Sussekind, o caderno-diário de *40 dias*, de Maria Valéria Rezende, entre outros. O narrador de Francoy lembra Aires no afã de se remeter bastante à alteridade, provocando, muitas vezes, um movimento de reflexão do outro em direção a si; e, também, Belmiro no que tange ao lirismo e à busca de um passado edênico – ou menos degradado. Ambos sugerem, na oscilação temporal, um desajuste associado ao presente em contraposição ao modo de vida do passado.

Qual é o motivo da inadequação da personagem de Francoy?, podemos perguntar. Não é fácil apontá-lo com precisão e, porventura, seja esse o dado da multivalência

1. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP) - Araraquara; e-mail: pedro.sonata@gmail.com. Bolsista CAPES. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4786-0716>.

do texto, numa relação dialética entre forma e conteúdo. A porta de entrada interpretativa do romance, que hermenêutas como Alfredo Bosi gostam de fazer uso, muito provavelmente seria a filosófico-existencialista. Entretanto, há outras assomadas pela composição, como a psicanalítica e a marxista.

Essa última pulsa no subtexto da obra e, principalmente, no seu caráter estrutural, pois a forma diário é subvertida, não aceitando o tempo cronológico comum a tal tipo de texto. Como afirma Marcello Duarte Mathias (1997, p. 45), pelo fato do diário ser “mais limitado em termos de elaboração, [...] é difícil libertar-se do prisma cronológico [...]”. Francoy, no entanto, alcança essa libertação, constituindo uma “cronologia em espiral” (FLORES, 2018, p. 125), em que, dentro de cada mês cabem comentários sobre outros anos. A originalidade mediante a insubordinação da forma diário não parece gratuita, como veremos adiante; ela nos dá a chance de passearmos entre 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017.

A escolha desses anos pode parecer aleatória, mas para uma crítica do pormenor ela não o é, nem acreditamos que a seja para o nosso autor. A seleção das entradas do diário funciona sub-repticiamente no que se refere aos conflitos históricos e sociais. Assim, flanamos pelo caos das manifestações de 2013, pelas eleições polarizadas de 2014 e pelo impeachment de Dilma Rousseff. Tais tensões encontram-se no subtexto, uma vez que elas estão espalhadas por meio dos recursos composicionais da forma e, também, mediante um tom nada panfletário das observações do protagonista, como nos eventos esquisitos de 2013:

20 de junho de 2013

A noite estava estranha desde que cheguei em casa do trabalho: aquela sensação de algo que se prolonga no ar, criando uma ideia de mundo em suspensão do tempo, dos ruídos, dos ventos. Tenho noites assim desde muito novo, geralmente perto de datas festivas: carnaval, natal, réveillon, jogo da copa do mundo. Quando, andando ao largo de tudo o que é euforia, percebo algo como uma respiração secreta em ruas desertas. E assim foi hoje a maior parte do tempo e assim mantive as atividades triviais: abasteci o carro, paguei uma conta na agência bancária. Ao longe, o fragor de um helicóptero sobrevoando os manifestantes no centro. Na rua Martinico Prado foi possível divisar, olhando na direção do centro, uma fileira de viaturas policiais em sonâmbula esfera. Finalmente em casa, fiquei vendo imagens das manifestações Brasil afora, e tudo de revestia de um ar de irrealidade. (FRANCOY, 2018, p. 56).

O arranjo da narrativa é bastante intrigante. Por meio dela, nos é sugerido que as manifestações estão em segundo plano. Em primeiro, está a criação poética, o lirismo que percorre o texto, enfim, o sentido de absurdo gestado pela experiência do narrador que, após desnudar a atmosfera do dia pelo filtro do eu, revela o evento enorme do qual várias cidades – e cidadãos – do Brasil tomaram parte. O trecho

citado evidencia, também, a falta de pertencimento ao *modus vivendi* de uma massa de pessoas; o ponto de vista é o de fora, daquele que assiste aos fatos, não que deles participa. Durante o romance há certa disforia naquilo que se relaciona às dinâmicas do que é alheio à personagem:

Eu com minhas tentativas de poemas e torpores nascidos do ócio. O mundo exterior com toda a sua banalidade: promoções de sapatos, um caminhar que traz a palavra ‘Jesus Cristo’ escrita com a mesma fonte dos rótulos das garrafas de Coca-Cola, um lanche chamado ‘Padrão Fifa’. E sobre tudo isso a chuvinha tão triste e tão constante. (FRANCOY, 2018, p. 12-13).

A personagem interessa-se pelo cultivo da percepção do eu sobre as coisas, não pelas coisas em si; mais do que isso, percebemos a sua predileção pelo espaço pessoal, “as singelezas domésticas” (FRANCOY, 2018, p. 47), apesar de ela ter de enfrentar as ruas, os prédios, a cidade:

Prefiro a vida mínima, quieta, respirável, muito embora todos os dias tenha a sensação de acordar para um universo que vem (mas não vem) abaixo, aquela sensação de falta de ar enquanto se respira, aquele sentimento de crisar os dentes porque se tem um nevoeiro diante dos olhos. (FRANCOY, 2018, p. 37).

Na predileção da vida miúda, e nos movimentos saudosistas da memória, os afetos do narrador concentram-se naquilo que a maioria considera insignificante, como uma saparia mal iluminada, uma anacrônica loja de carimbos e os seres desafortunados: “Simpatizo mais com aqueles que são obrigados, todos os dias, a pequenas rendições.” (FRANCOY, 2018, p. 44).

Felipe Charbel (2019, p. 30) sugere que a personagem está “mais para retratista da desolação humana do que para cronista.” Talvez ela seja um cronista da desolação humana; surge, daí, outra camada interpretativa do texto, que pede o cruzamento dialético de dois saberes em retroalimentação: a filosofia e a psicanálise, a fim de analisar a figuração da melancolia. Acreditamos haver certa homologia entre os sentimentos melancólicos e a sua figuração formal na prosa de *A invenção dos subúrbios*.

De acordo com Moacyr Scliar (2003, p. 245), o sujeito saturnino sente-se descompassado temporalmente – “lento demais” – no que tem a ver com a temporalidade do agora; nisso, a afeição pelo pretérito incita lembranças de uma época em que havia – ou apresentava-se a sensação de haver – certo ajuste na absorção subjetiva da temporalidade exterior. No romance em questão, há diversos cotejos entre o antes saudosista recriado pela memória, e o estranhamento diante do agora: “A cidade se esfacela pouco a pouco e não me lembro de outro período em que vivi tamanha desesperança.” (FRANCOY, 2018, p. 65).

As lentes da desesperança são vistas pelo eu; segundo os estudiosos da psicanálise, o temperamento melancólico está ligado, principalmente, “a um comportamento narcisista”, num “ato de afastamento e reflexão sobre si” (CAVALCANTE; VICENTE, 2018, p. 117), em busca de um objeto perdido. A memória pessoal, assim, está intimamente ligada ao sujeito só, desligado das atividades coletivas, resultando numa crítica sensação de desamparo em “consequência do esgarçamento do tecido social” (SCLIAR, 2003, p.46). Haveria algum tipo de escrita tão íntima e privada, escrita de si para si, quanto a do diário? A própria personagem parece denunciar e viver – a partir da escrita – os sintomas da individualidade: “Todos nós ilhas de uma individualidade que se compreende de maneira vaga e profunda.” (FRANCOY, 2018, p. 50).

Os oximoros, como “vago e profundo”, além de acentuarem o lirismo da personagem, permeiam a narrativa de inconsistências próprias de um ser que se percebe em contradição, em constante embate consigo mesmo e com o mundo. O narrador, por exemplo, por mais que tente fechar-se em si, deixa abertas diversas fissuras de sensibilidade em relação ao outro, apresentando, algumas vezes, “um daqueles momentos em que sou atravessado por uma fraturada ternura pelo próximo.” (FRANCOY, 2018, p. 83).

Essa ternura, no entanto, não se converte em *práxis*; ao contrário, ela é o motivo para outro desalento. A cronologia em espiral do livro reverbera um longo período de inação que nos remete à preferência da personagem pelos dias planos, pela “predisposição a viver semanas que se repetem a fio.” (FRANCOY, 2018, p. 67). A indisposição diante do novo e do exterior – distanciando-se deles por meio do tempo interior, da escrita, da vida miúda – é característica do sujeito melancólico que não age, mas contempla o agir.

Esse sentimento da negatividade surge como forma da narrativa – o eu que se entrega a observações sobre o tempo, o espaço e as transformações deles que servem como movimento de inadequação ao agora – e como assunto da obra. São diversos os momentos em que o narrador emprega a palavra melancolia, e outras do mesmo campo semântico, refletindo sobre os motivos da desolação.

Caso não se queira caracterizar a personagem como melancólica – com o intuito de não colocá-la no divã da pessoa analisada pelo terapeuta – pode-se dizer que ela traz à tona sentimentos relacionados ao mal-estar, isto é, um profundo “sentimento existencial de perda de lugar, a experiência real de estar fora de lugar.” (DUNKER, 2015, p. 196). Nesse sentido, a vida suburbana do narrador permite o desenvolvimento de um espaço fora do espaço de fora, onde ele de fato se sente irmanado, seja com os seus escritos, com as suas plantas ou com a sua companheira Ana.

No fim e ao cabo, a prosa de Daniel Francoy, bastante breve, coloca em jogo diversas tensões, sejam elas filosóficas, psicológicas e/ou histórico-sociais. É possível dizer que apenas uma crítica integrativa consiga dar cabo dos abundantes conflitos extrema-

mente condensados e densos, numa espécie de diário, dando indícios de originalidade ao texto. Se levarmos em conta, por fim, o critério da multivalência, exposto por Antoine Compagnon, como relevante na visada valorativa dessa obra, diríamos que ela é excelente. Levando-o em conta, de fato, dizemos que ela é excelente.

Referências

- GOMES CAVALCANTE, Cristovam Bruno; VICENTE, Adalberto Luis. Melancolia em Poèmes Saturniens. *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*, [S.l.], v. 23, p. 113-133, 2018.
- CHARBEL, Felipe. Uma geografia recriada para as desolações. *Suplemento Pernambuco*, Recife, n. 158, p. 30, 2019.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- DUNKER, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- FLORES, Guilherme Gontijo. O princípio da saudade, ou uma topografia. IN: FRANCOY, Daniel. *A invenção dos subúrbios*. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2018, p. 121-126.
- FRANCOY, Daniel. *A invenção dos subúrbios*. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2018.
- MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. *Colóquio: Revista de Artes e Letras*. Lisboa, n. 143-144, 1997, p. 41-62.
- SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.